A *Bíblia* como indicador da importância do provérbio no âmbito de culturas diferentes

GABRIELA FUNK
Universidade dos Açores (Portugal)

1. OBJECTIVO

Na nossa tese de doutoramento (1993), presumimos, com base na análise textual de diferentes empregos do provérbio nas línguas alemã e portuguesa, que na comunidade linguística germânica o provérbio goza de maior prestígio do que na congénere portuguesa.

Deve, porém, fazer-se neste contexto a reserva seguinte: a tendência negativa relativamente ao provérbio em Portugal verifica-se especialmente em publicações de círculos intelectuais. A esse nível, quer em Portugal, quer na Alemãnha, não se dá grande valor aos estudos paremiológicos.

É de notar que, para uma apreciação do texto proverbial no âmbito de uma determinada cultura, importa muito mais a atitude das massas do que a atitude da elite intelectual, uma vez que é o povo o verdadeiro transmissor do provérbio.

Como se distingue, pois, a atitude do povo português e do povo alemão relativamente a esse tipo de texto tradicional?

A questão colocada é extremamente importante para uma análise contrastiva do provérbio, embora as limitações do *corpus* utilizado na nossa tese de doutoramento não permitissem examiná-la em toda sua complexidade.

2. MÉTODOS

Por essa razão, vimo-nos obrigados a recorrer a outras fontes. Aquela que parece mais apropriada para o efeito é, provavelmente, a *Bíblia*. Os pontos de vista abaixo apresentados favorecem-na como fonte auxiliar para o esclarecimento da questão colocada:

1) As versões portuguesa e alemã da Bíblia são traduções do mesmo texto grego (ou latino) original.

Esta constelação —na qual um texto original é traduzido nas línguas a comparar— revela-sse ideal para uma análise contrastiva, pois, para a obtenção de dados significativos, necessita-se efectivamente do mesmo texto nas línguas em confronto; no entanto, o resultado dessa análise poderia ser falsificado, caso se traduzisse um texto de uma língua para a outra e se analisasse ambas as línguas contrastivamente com base nesse mesmo texto. Isso acontecerá de facto se se traduzir literalmente as idiossincrasias da língua do texto original para uma outra língua. Com essa metodologia, uma das línguas dominaria, inevitavelmente, a outra.

2) As traduções da *Bíblia* devem ser realizadas com um cuidado especial, dada a importância do seu significado religioso. Daí que os tradutores não estejam limitados pelo tempo, mas por uma determinada técnica de tradução.

Essa restrição consiste em traduzir o texto bíblico original o mais literalmente possível, pois a Palavra de Deus não pode ser de forma alguma alterada. Contudo, a tradução da mesma deve adaptar-se, tanto quanto possível, à linguagem corrente do seu tempo, de modo a torná-la compreensível. Este método foi primorosamente utilizado por Lutero, que o descreveu acertadamente com a expressão «dem Volk auf's Maul schauen» (=observar como o povo fala). A versão lutereana da *Bíblia* tornou-se, assim, mais tarde, a base do alemão padrão.

A conotação atribuída a um enunciado proverbial particular, bem como a apreciação geral dos provérbios, constituem, certamente, um aspecto da linguagem corrente a ter em conta numa determinada época. Os textos proverbiais são, possivelmente, usados com mais facilidade em traduções na língua onde gozam de maior prestígio.

3) Muitos provérbios têm a sua origem na *Bíblia* e, em especial, nos quatro *Evangelhos* do *Novo Testamento*. Por isso, seria interessante detectar, como aspecto secundário, qual a expressão adoptada como provérbio e em que língua —a portuguesa ou a alemã— foi considerada como tal.

Deve chamar-se particular atenção para as variantes de um enunciado proverbial. Assim, analisaremos, neste artigo, a título de exemplo, padrões de uso culturalmente condicionados de determinados provérbios bíblicos.

No âmbito de uma análise contrastiva que vise o grau de apreciação do texto proverbial em português e em alemão, importa considerar o aspecto seguinte: devido à importante função cultural da *Bíblia* na Europa, é possível, com base nas traduções dos *Evangelhos* em épocas diferentes, demonstrar claramente a evolução do provérbio nas diferentes línguas europeias. Isto resulta especialmente do facto de, na tradução da *Bíblia* de acordo com o ponto de vista 2), se reflectir, de forma exacta, o significado social, didáctico e cultural do provérbio na respectiva época.

4) O nível de língua usado na tradução da *Bíblia* deve ser sempre acessível ao povo. Daí podermos partir do princípio que o tradutor se serve de expressões tipicamente populares. A frequência do referido padrão poderia funcionar como indicador do modo como o tradutor avalia a preferência de certas expressões entre o povo. Sabe-se que Lutero, por exemplo, concedia aos provérbios uma importância especial. Uma leitura dos Evangelhos revela que também Jesus gostava de usar provérbios ou expressões aparentadas. Há, assim, uma afinidade especial dos *Evangelhos* com o provérbio. Para uma apreciação do mesmo, importa, sem dúvida, vermos até que ponto essa afinidade é admitida e traduzida na respectiva época.

Não é fácil resolver, com precisão, a questão de saber até que ponto o emprego do provérbio se distingue, ou não, de uma língua para outra, dado que se teria de o sub-dividir segundo regiões, estratos sociais, visões do mundo, entre outros critérios. Teremos, possivelmente, de nos contentar em agrupar certos indicadores relativamente a um bem cultural cuja importância é fundamental. Fizemo-lo com a escolha da *Bíblia*, que tem em ambas as sociedades, portuguesa e alemã, aproximadamente o mesmo significado. Hoje em dia, porém, é dada mais importância à *Bíblia* em Portugal do que na Alemãnha.

Os indicadores podem ser de natureza quantitativa ou qualitativa. O mais fácil seria contar quantos provérbios ocorrem nas línguas a analisar, comparar esse número e então dizer que numa das línguas os provérbios são x% mais significativos do que na outra língua. Empregaremos, de certo modo, um indicador desse tipo, só que em relação com outros indicadores qualitativos. Os resultados quantitativos não são, por si só, convincentes, uma vez que os provérbios têm igualmente outras origens, podendo uma língua ter por acaso adoptado menos expressões da *Bíblia*, como fonte particular, relativamente a uma outra língua. Por essa razão, só é possível proceder a uma apreciação dos provérbios bíblicos com base em dados quantitativos.

Se, todavia, tomarmos em consideração critérios qualitativos, o alcance da nossa análise aumentará.

Porém, como se podem apresentar tais critérios?

Um critério qualitativo consistiria em documentar e analisar isoladamente a alteração sofrida ao longo do tempo pelas passagens do texto onde ocorre um provérbio. Isso poderia certamente servir

como indicador dos sentidos atribuídos ao texto proverbial na respectiva época, se em duas traduções do mesmo texto numa língua particular fossem substituídos, de uma versão para a outra, segmentos textuais por um provérbio ou, pelo contrário, se se omitissem provérbios numa versão e na outra não.

Se, entre várias línguas, surgirem diferenças na evolução do uso do provérbio, poderemos, de acordo com os pontos de vista atrás referidos, avaliar exactamente a relevância do provérbio em diferentes línguas.

De qualquer modo, este trabalho poderá fornecer um contributo importante para o estudo da evolução do provérbio em português e em alemão. Para uma apresentação das modificações graduais sofridas pelo enunciado proverbial, conviria dividir em diferentes grupos as passagens bíblicas correlacionadas com o provérbio. Assim, distinguir-se-á os grupos seguintes:

- provérbios originais (Pv(o)): segmentos textuais da *Bíblia* que correspondem a um provérbio comprovado;
- provérbios sintacticamente reordenados (Pv(r)): segmentos bíblicos que não se distinguem semanticamente de um dado provérbio comprovado e nos quais houve apenas uma troca de palavras;
- provérbios lexicalmente desenvolvidos (Pv(d)): segmentos textuais que não se distinguem semanticamente de um dado provérbio comprovado, mas onde se acrescentaram elementos lexicais redundantes;
- provérbios sinónimos (Pv(s)): segmentos que não se diferenciam semanticamente de um dado provérbio comprovado e onde se substituiram por sinónimos elementos lexicais de tal forma que o provérbio original suporte ainda é reconhecível;
- provérbios fragmentados (Pv(f)): segmentos textuais nos quais foram omitidos, relativamente a um provérbio comprovado, alguns elementos lexicais, mas que, não obstante, são ainda identificados com o provérbio implícito por um falante da respectiva comunidade linguística;
- segmentos textuais que se aproximam lexicalmente de um provérbio (sT(l)): passagens bíblicas onde ocorrem os elementos básicos de um dado provérbio comprovado (activando-o, assim, na memória do falante da respectiva comunidade linguística), mas que, de resto, se distanciaram consideravelmente do mesmo;
- segmentos do texto que se aproximam semanticamente de um provérbio (sT(s)): passagens bíblicas cujo conteúdo semântico coincide com o de um dado provérbio comprovado, mas que não podem ser designados como tal;
- não são provérbios (n(Pv)): os segmentos textuais para os quais não foi possível encontrar um provérbio correspondente ou que não têm afinidade, nem semântica nem lexical, com nenhum provérbio comprobado.

Para todos os Pv(x) com $x \varepsilon$ {d,f,s,r} podem ainda ser definidas classes adicionais: Pv(x+y) com $y \varepsilon$ {d,f,s,r}, se a passagem bíblica abranger não só a transformação Pv(x), como também o critério de acordo com Pv(y). Do mesmo modo, introduziremos sT(l+s) como uma classe individual.

3. CORPUS

Dado que a *Bíblia* representa um âmbito demasiado lato para um estudo contrastivo, que deverá ainda operar diacronicamente, é necessário delimitar, desde já, o objecto da presente análise, que se circunscreverá aos quatro *Evangelhos* do *Novo Testamento*. Estes oferecem, por um lado, vários objectos de pesquisa, dada a já referida preferência de Jesus pelos provérbios e pelas expressões proverbiais. Por outro lado, não é difícil restringir o âmbito dos *Evangelhos*, uma vez que eles proporcionam, com a frequência de passagens paralelas (especialmente nos *Evangelhos* sinópticos) um outro critério qualitativo. Este critério permitiria determinar até que ponto é empregue um provérbio numa passagem paralela, bem como a coerência dos tradutores relativamente ao emprego do provérbio e, por conseguinte, ao modo como avaliam o seu sentido.

Nas passagens aqui analisadas, não se verifica uma tendência diferente entre as versões tradicionais portuguesa e alemã ou entre as versões modernas em ambas as línguas. Depreende-se, antes, nas mesmas, uma maior coerência na versão moderna do que na versão tradicional.

Os quatro *Evangelhos* do *Novo Testamento*, tanto na tradução portuguesa como na tradução alemã, constituem, pois, a base da análise realizada neste artigo. Para melhor entendermos os critérios de tradução utilizados em épocas diferentes, escolhemos, em cada uma das línguas, respectivamente, duas versões apenas, dado que as versões bíblicas mais antigas, quer em alemão, quer em português, se baseiam, geralmente, numa tradução anterior —en alemão, na tradução realizada por Lutero— em relação à qual não apresentam alterações substanciais. Nos últimos anos, pelo contrário, tanto na Alemãnha como em Portugal, tem sido feito um esforço para adequar a *Bíblia* à linguagem corrente, procedendo-se, assim, a uma tradução actualizada da mesma. O facto de se ter executado esse projecto no âmbito de uma cooperação ecuménica facilita a escolha das novas versões bíblicas. É interessante verificar que o mesmo foi quase simultaneamente realizado em português e em alemão por um grupo de editores existente em ambas as comunidades linguísticas. Daí que fossem escolhidas, como traduções modernas da *Bíblia*, as versões seguintes:

- (1978) *O Novo Testamento - a Boa Nova para toda a gente* (tradução interconfessional do texto grego para português moderno), 17ª impressão, Sociedade Bíblica, Lisboa, 1988.
- (1982) *Die Gute Nachricht - das neue Testament im heutigen Deutsch*, zweite Auflage, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1988.

As versões tradicionais não puderam ser infelizmente seleccionadas de uma forma tão inequívoca, dado que, na altura, não havia um consenso ecuménico nem tão pouco uma comissão bíblica internacional, como a "Deutsche Bibelgesellschaft" ou a "Sociedade Bíblica". Em alemão, encontrámos uma versão mais antiga, de 1922, reeditada pela "Deutsche Bibelgesellschaft". Em português, não há entre a versão moderna e a versão tradicional uma relação desse tipo.

Eis, pois, as versões tradicionais:

- (1969) *Bíblia Sagrada*, 4ª edição, Difusora Bíblica, Lisboa, 1971.
- (1912) *Die Bibel oder die ganze Heilige Schrift des Alten und Neuen Testaments* - segundo a tradução alemã de Martin Lutero-, revisão do texto autorizada pela Comissão da Igreja Evangélica alemã, em 1912, 2ª edição, Deutsche Bibelgesellschft, Stuttgart, 1982.

4. ANÁLISE

Ante de apresentarmos a listagem completa dos resultados da classificação dos provérbios bíblicos, especificaremos o processo de obtenção desses dados com base em alguns exemplos paradigmáticos.

O provérbio «Auge um Auge, Zahn um Zahn» (Wander, vol. 1, p. 169; Röhrich, vol. 1, p. 77), aliás, «Olho por olho, dente por dente» (Côrtes-Rodrigues, vol.2, p. 19) encontramo-lo na sua forma original no *Evangelho segundo S. Mateus* (5:38) em ambas as versões bíblicas alemães. Abstraindo da pontuação diferente nas duas versões portuguesas e a presença da conjunção coordenativa copulativa «e», não há qualquer distinção relativamente à citação proverbial:

- versão tradicional portuguesa: «Olho por olho, e dente, por dente»;
- versão moderna portuguesa: «Olho por olho e dente por dente».

Nas versões portuguesas, trata-se de um provérbio lexicalmente desenvolvido.

Nos *Evangelhos segundo S. Mateus* (6:24) e *S. Lucas* (16:3) as passagens seguintes aproximam-se consideravelmente do provérbio «Ninguém pode servir a dois senhores» (Côrtes-Rodrigues, vol. 1, p. 366), ou seja, «Niemand kann zwei Herren zugleich dienen» (Wander, vol. 4, p. 1.093):

- versão tradicional portuguesa:
  «Ninguém pode servir a dois senhores» (S. Mateus)
  «Servo algum pode servir a dois senhores» (S. Lucas)

- versão moderna portuguesa:
  «Ninguém pode servir a dois patrões» (S. Mateus)
  «Nenhum empregado pode servir dois patrões» (S. Lucas)

- versão tradicional alemã:
  «Niemand kann zwei Herren dienen» (S. Mateus)
  «Kein Knecht kann zwei Herren dienen» (S. Lucas)

- versão moderna alemã:
  «Niemand kann zwei Herren zugleich dienen» (S. Mateus)
  «Kein Diener kann zwei Herren zugleich dienen» (S. Lucas)

O *Evangelho segundo S. Mateus* (6:24) contém, na versão tradicional portuguesa, a forma canónica do provérbio, enquanto na versão moderna se comutam os substantivos sinónimos «senhores» por «patrões», o que permite reconhecer o provérbio ainda como tal. A mesma substituição é feita no *Evangelho segundo S. Lucas* (16:13) na versão moderna portuguesa, bem como a comutação do pronome indefinido «ninguém» pelo SN «nenhum empregado».

Na tradução tradicional portuguesa do *Evangelho segundo S. Lucas*, verificamos uma permuta do mesmo pronome pelo SN «servo algum». Mas, como o lexema «servo» caiu em desuso, temos, neste caso, um segmento textual semanticamente semelhante ao provérbio.

O que acabámos de expor é válido, com os mesmos argumentos, para a comutação de «niemand» por «kein Knecht» na versão tradicional do *Evangelho segundo S. Lucas* (16:13).

Em alemão, chama a atenção, porém, o facto de faltar o advérbio de tempo "zugleich" na versão tradicional dos *Evangelhos segundo S. Mateus* (6:24) e *S. Lucas* (16:13), ao contrário do que acontece nas versões modernas. Se bem que esse advérbio seja considerado implicitamente nas passagens tradicionais, a sua ausência no segmento do *Evangelho segundo S. Mateus* (6:24) origina um emprego fragmentário do provérbio em análise. Essa ocorrência do enunciado proverbial não afecta o segmento textual semanticamente aparentado, usado na tradução alemã do *Evangelho segundo S. Lucas* (16:13). Por conseguinte, apenas na versão moderna alemã do *Evangelho segundo S. Mateus* (6:24) há um emprego de um provérbio original.

Nos *Evangelhos segundo S. Mateus* (7:8) e *S. Lucas* (11:9) encontra-se, de modo idêntico, o emprego seguinte do conhecido provérbio «Wer sucht, der findet» (Wander, vol. 4, p. 954), ou «Quem procura sempre acha» (Chaves, p. 361, nº 1.249):

- versão tradicional portuguesa:
  «Quem procura encontra» (S. Mateus)
  «Procurai e achareis» (S. Lucas, 11,9)
  «Quem procura encontra» (S. Lucas, 11,10)

- versão moderna portuguesa:
  «O que procura encontra» (S. Mateus)
  «Procurem, que hão-de encontrar» (S. Lucas, 11,9)
  «O que procura, encontra» (S. Lucas, 11,10)

- versão tradicional alemã:
  «Wer da sucht, der findet» (S. Mateus)
  «Suchet, so werdet ihr finden» (S. Lucas, 11,9)
  «Wer da sucht, der findet» (S. Lucas, 11,10)

- versão moderna alemã:
  «Wer sucht, der findet» (S. Mateus)
  «Sucht, und ihr werdet finden» (S. Lucas, 11,9)
  «Wer sucht, der findet» (S. Lucas, 11,10)

Nas traduções tradicionais alemãs do *Evangelho segundo S. Mateus* e do *Evangelho segundo S. Lucas* (11: 10), adiciona-se ao provérbio o advérbio locativo «da». Este suplemento é semanticamente irrelevante, razão por que as passagens bíblicas em foco se poderão facilmente identificar com o enunciado proverbial.

As mesmas passagens do texto nas traduções modernas alemãs são idênticas ao provérbio comprovado, logo constituem provérbios originais.

Em ambas as traduções alemãs do *Evangelho segundo S. Lucas* (11:9) os pronomes indefinidos "wer" e "der" são substituídos por pronomes pessoais de segunda pessoa do plural. De notar ainda a introdução do verbo auxiliar "werden".

A elisão do advérbio "sempre" em todas as passagens do texto português não provoca qualquer alteração semântica, uma vez que existe uma relação condicional genérica entre as situações-tipo: A) procurar e B) encontrar (Lopes, 1992: 173-174).

Pertencem, assim, à classe dos provérbios fragmentados as passagens das traduções tradicionais portuguesas, tanto do *Evangelho segundo S. Mateus* (7:8), como do *Evangelho segundo S. Lucas* (11:9) e (11:10).

Nas passagens correspondentes da tradução moderna portuguesa, comuta-se ainda, respectivamente, o pronome relativo «quem» por «o que». Se considerarmos esta locução pronominal relativa como forma elíptica de "o homem que", verificamos que não há qualquer desvio semântico. Deste modo, seriam "provérbios fragmentados sinónimos" as passagens dos *Evangelhos segundo S. Mateus* (7:8) e *S. Lucas* (11:9) da tradução moderna portuguesa. De referir que, em todas as versões portuguesas, excepto na versão tradicional do *Evangelho segundo S. Lucas* (11:9) o predicador "achar" é substituído pelo predicador "encontrar".

Em ambas as línguas e versões do *Evangelho segundo S. Lucas* (11:9), a frase em questão é do tipo imperativo, enquanto o provérbio correspondente é uma asserção.

Nas duas traduções modernas dos *Evangelhos segundo S. Mateus* (11:20) e *S. Lucas* (10:13), é introduzido um título, ao contrário do que acontece nas versões tradicionais.

É curioso notar que só em alemão é usada uma unidade paremiológica nestes contextos, nomeadamente, o fragmento «Wer nicht hören will...» (Beyer, p. 275: «Wer nicht hören will muß fühlen»). Os títulos escolhidos em português, «As cidades rebeldes», descrevem, porém, o conteúdo dos parágrafos seguintes de uma forma mais concreta do que em alemão.

Das sequências textuais dos *Evangelhos segundo S. Mateus* (13:57), *S. Lucas* (4:24), *S. Marcos* (6:4) e *S. João* (4:44) depreendem-se as bem conhecidas famílias de provérbios: «Der Prophet gilt nichts in seinem Vaterland» (Beyer, p. 618), «Niemand ist Prophet in seinem Vaterland» (Hellwig, p. 243) ou «Ninguém é profeta na sua terra» (Côrtes-Rodrigues, vol. 1, p. 364), «Der Prophet gilt in der Fremde mehr als daheim» (para este e para os provérbios seguintes desta familia, Wander, vol. 3, p. 1.412), «Der Prophet gilt nirgens weniger als daheim/in seinem Vaterland» e «Es ist kein Prophet angenehm/geachtet in seinem Vaterland».

Curiosamente, não encontrámos, em português, uma família proverbial análoga. Assim, para efeitos de análise contrastiva, contamos apenas com um provérbio em português:

- versão tradicional portuguesa:
  «Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa» (S. Mateus)
  «Nenhum profeta é bem recebido na sua pátria» (S. Lucas)
  «Um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa» (S. Marcos).
  «Um profeta não é tido em apreço na sua terra» (S. João)

- versão moderna portuguesa:
  «Qualquer profeta é respeitado em toda a parte, menos na sua terra e no meio da sua família» (S. Mateus)
  «Nenhum profeta é bem recebido na sua terra» (S. Lucas)
  «O profeta é estimado em toda a parte menos na sua terra e entre os seus parentes e familiares» (S. Marcos)
  «Nenhum profeta é apreciado na sua própria terra» (S. João)

- versão tradicional alemã:
  «Ein Prophet gilt nirgends weniger denn in seinem Vaterland und in seiner Heimat» (S. Mateus)
  «Kein Prophet ist angenehm in seinem Vaterlande» (S. Lucas)
  «Ein Prophet gilt nirgends weniger denn in seinem Vaterland und bei den Seinen» (S.Marcos)
  «Ein Prophet gilt daheim nichts» (S. João)

- versão moderna alemã:
  «Ein Prophet wird überall geachtet, nur nicht in seiner Heimat und in seiner Familie» (S. Mateus)
  «Ein Prophet gilt in seiner Heimatstadt nichts» (S. Lucas)
  «Ein Prophet wird überall geachtet, nur nicht in seiner Heimat, bei seinen Verwandten und seiner Familie» (S. Marcos)
  «Kein Prophet gilt etwas in seiner Heimat» (S. João)

Nas traduções portuguesas do *Evangelho segundo S. Lucas*, chama a atenção o facto de a versão tradicional correspondente ao provérbio coincidir com a tradução moderna. Em alemão, o mesmo não se verifica.

Como em português não existe a mesma família de provérbios, nem tão pouco uma passagem da *Bíblia* que coincida semanticamente com o provérbio comprovado, apenas podemos afirmar que todas as passagens bíblicas referidas nessa língua são "segmentos textuais lexicalmente semelhantes ao provérbio». Dada a existência da referida família de provérbios em alemão, considerar-se-á todas as passagens das traduções alemães como Pv(x), ou melhor, Pv(x+y+z) com x, y, z ε {d,f,o,s,r}.

O mesmo se aplica à tradução moderna dos *Evangelhos segundo S. Lucas* e *S. João*, bem como às quatro passagens paralelas da tradução tradicional, uma vez que aí ocorrem apenas desenvolvimentos lexicais irrelevantes, permutas ou substituições.

Para os *Evangelhos segundo S. Mateus* e *S. Marcos* da tradução moderna torna-se, porém, mais difícil determinar um tipo de classificação. Do ponto de vista pragmático, os enunciados aí apontados enquadram-se perfeitamente na família de provérbios em causa, todavia ultrapassam-nos ligeiramente quanto ao sentido. Neles não se faz referência ao facto de um profeta ser respeitado em toda a parte. Contudo, o provérbio «Der Prophet gilt in der Fremde mehr als zuhause», possibilita, se bem que não necessariamente, uma tal interpretação. Poder-se-ia então considerar essa passagem do texto como semanticamente resultante da combinação com um outro provérbio da mesma família, nomeadamente, «Der Prophet gilt nichts in seinem Vaterland». Neste caso, teríamos, com algumas reservas, um "provérbio fragmentado, reformulado e lexicalmente desenvolvido».

Mesmo segundo esta interpretação, verificamos uma maior congruência entre as diferentes passagens paralelas na tradução moderna alemã do que entre os segmentos correspondentes na versão tradicional. Enquanto, na primeira, há uma identidade entre os *Evangelhos segundo S. Marcos* e *S. Mateus* e entre os *Evangelhos segundo S. Lucas* e *S. João*, na versão tradicional o mesmo só se verifica entre os *Evangelhos segundo S. Marcos* e *S. Mateus*. Esta congruência provoca, no entanto, um maior distanciamento da tradução moderna alemã relativamente à família de provérbios considerada.

Nos *Evangelhos segundo S. Mateus* (22:21), *S. Marcos* (12:17) e *S. Lucas* (20:25), surgem as passagens seguintes, que se aproximam do provérbio: «Dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (*Dicionário Prático Ilustrado*, p. 966), ou «(Man soll) dem Kaiser (geben), was des Kaisers ist»[1]:

- versão tradicional portuguesa:
  «Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus» (S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas)

- versão moderna portuguesa:
  «Dêem ao Imperador o que é do Imperador e a Deus o que é de Deus» (S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas)

- versão tradicional alemã:
  «So gebet dem Kaiser, was des Kaisers ist, und Gott, was Gottes ist» (S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas)

- versão moderna alemã:
  «Dann gebt dem Kaiser, was dem Kaiser gehört, aber gebt Gott, was Gott gehört» (S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas)

Nas três versões tradicionais alemãs é empregue o provérbio original. Na traduções modernas, comuta-se apenas o predicador e, consequentemente, o caso do argumento *Possuidor*. Daí que as três passagens possam ser consideradas como provérbios lexicalmente reformulados.

Nas passagens correspondentes em português, emprega-se o provérbio original. Na versão moderna, comuta-se, respectivamente, o arcaísmo «César» pelo substantivo «Imperador», sendo, assim, o provérbio dificilmente reconhecido. Trata-se, portanto, neste caso, de um segmento textual apenas semelhante ao provérbio.

5. RESULTADOS

Apresentamos, seguidamente, uma tabela dos resultados relativos às passagens da *Bíblia* até agora analisadas. Aquelas separadas entre si por meio de um simples travessão «-----» representam sequências paralelas com o emprego do mesmo provérbio. Dois segmentos diferentes serão separados um do outro por um duplo travessão «=====». No caso dos títulos introduzidos nas traduções modernas em alemão e em português, assinalámos a falta do texto correspondente nas versões tradicionais com o tracejado «- - -».

Referência	tradit. port.	moderna port.	tradit. alemã	moderna alemã
Mat. (4:4)	Pv(o)	Pv(s+r)	Pv(o)	sT(l)
Luc. (4:4)	Pv(o)	Pv(s+r)	Pv(r)	Pv(s+r)
Mat. (5:15)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(o)	sT(s)
Mc. (4:21)	n(Pv)	n(Pv)	sT(s+l)	sT(s)

[1] Trata-se, neste caso, de um provérbio, com ou sem os aditamentos introduzidos entre parênteses. A versão sem aditamentos encontra-se em Wander, vol. 2, p. 1.093. A versão com aditamentos encontra-se tanto em Wander, vol. 2, p. 1.095, como em Röhrich, vol. 1, p. 491, como ainda em Beyer, p. 299.

Luc. (8:16)	n(Pv)	n(Pv)	sT(s)	sT(s)
Luc. (11:33)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(d+s)	sT(s)
Mat. (5:38)	Pv(d)	Pv(d)	Pv(o)	Pv(o)
Mat. (6:24)	Pv(o)	Pv(s)	Pv(f)	Pv(o)
Luc. (16:13)	sT(s)	Pv(s)	sT(s)	Pv(s)
Mat. (7:3)	sT(l)	[sT(l)]	sT(l+s)	sT(l+s)
Luc. (6:41)	sT(l)	[sT(l)]	sT(l+s)	sT(l+s)
Mat. (7:8)	Pv(f+s)	Pv(f+s)	Pv(d)	Pv(o)
Luc. (11:9)	Pv(f)	Pv(f+s)	Pv(d+s)	Pv(d+s)
Luc. (11:10)	Pv(f+s)	Pv(f+s)	Pv(d)	Pv(o)
Mat. (11:20)	-----	n(Pv)	-----	Pv(f)
Luc. (10:13)	-----	n(Pv)	-----	Pv(l)
Mat. (13:57)	sT(l)	sT(l)	Pv(o)	Pv(f+r+d)
Mc. (6:4)	sT(l)	sT(l)	Pv(o)	Pv(f+r+d)
Luc. (4:24)	sT(l)	sT(l)	Pv(o)	Pv(s)
Jo. (4:44)	sT(l)	sT(l)	Pv(s)	Pv(f+r)
Mat. (13:57)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(s+d)	Pv(o)
Mc. (6:4)	n(Pv)	n(Pv)	sT(s+l)	Pv(d+r)
Mat. (6:4)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(o)	Pv(o)
Luc. (6:39)	n(Pv)	n(Pv)	sT(s+l)	Pv(d+s)
Mat. (22:21)	Pv(o)	sT(s)	Pv(o)	Pv(s)
Mc. (12:17)	Pv(o)	sT(s)	Pv(o)	Pv(s)
Luc. 20:25)	Pv(o)	sT(s)	Pv(o)	Pv(s)
Mat. (26:52)	sT(s)	sT(s)	Pv(r)	Pv(o)
Luc. (4:23)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(o)	Pv(o)
Jo. (4:37)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(o)	Pv(o)
Jo. (8:7)	n(Pv)	n(Pv)	Pv(d)	Pv(r)

O diagrama anterior permite-nos concluir que o emprego dos provérbios na tradução moderna da *Bíblia* em português se afasta mais da forma canónica dos enunciados proverbiais correspondentes do que na versão tradicional. Em alemão, verifica-se a tendência oposta. Temos, assim, um indício qualitativo da solidez do estatuto do provérbio como regra consensual na cultura alemã.

Importa reter, como aspecto pertinente, o facto de, tanto na versão moderna alemã, como na portuguesa, se substituir arcaísmos por lexemas ou estruturas frásicas correntes sem se considerar a estrutura formal e sonora tradicionais. Com a evolução das línguas, os arcaísmos acabam por desaparecer. A sua ocorrência torna-se, pois, meramente casual. Devido à eliminação sistemática dos mesmos nas modernas versões da *Bíblia* e da consequente casualidade da sua ocorrência, a transição

do Pv(o) (condicionada pelo arcaísmo), na versão tradicional, para um sT(s), na versão moderna, só pode ser tomada como uma transformação condicionada pela mudança do sentido do provérbio.

É de notar, por um lado, que todos os provérbios portugueses empregues na *Bíblia* têm um equivalente em alemão, mesmo que não se façam representar nesta língua pelo provérbio original. Por outro lado, muitos provérbios empregues em alemão não têm um correspondente em português.

Daqui se conclui que foram adoptados, no espaço cultural alemão, muito mais provérbios ou expressões da *Bíblia* do que em português. É possível explicar esse facto, se tivermos em conta a tradição alemã marcada pelo protestantismo, que cedo permitiu a tradução da *Bíblia* do latim para a língua vernácula, tornando, assim, populares muitas passagens bíblicas. Essa competência paremiológica adquirida poderia também indicar um maior emprego do provérbio em alemão do que em português. Deste modo, o provérbio ganharia maior importância no espaço cultural alemão do que no português.

De referir que, em ambas as versões bíblicas, se introduziu um provérbio como título de duas passagens em alemão [*Evangelhos segundo S. Mateus* (11:20) e *S. Lucas* (10:13)], enquanto, em português, o mesmo não se verifica. Também nesta língua não se provou se uma passagem que antes se distinguia do uso corrente do provérbio corresponde, na nova tradução da *Bíblia*, ao emprego actual do mesmo. Em alemão, é possível identificar, em alguns casos [*Evangelho segundo S. Mateus* (6:24), (7:8), (15:14) e (26:52)], o ajustamento de uma expressão ao uso do provérbio hoje em dia. Em português, a proximidade de uma expressão relativamente ao provérbio diminui da versão tradicional para a versão moderna. Em alemão, dá-se o mesmo em algumas passagens, se bem que noutras essa proximidade aumente.

Reconhecemos que a análise apresentada enferma de um ponto fraco que consiste na utilização de apenas duas versões bíblicas nas línguas em estudo. A presença dos outros argumentos (ver Funk, 1993) que indicam o mesmo resultado justifica o facto de não ser necessário colmatar essa lacuna.

Apesar das deficiências apontadas, o presente estudo revela que a tradução da *Bíblia* para uma determinada língua reflecte algumas características não só dessa língua, como também da respectiva cultura. Este conhecimento pode ser de extrema valia para outros estudos contrastivos.

BIBLIOGRAFIA

BEYER, HORST E ANNELIES (1985): *Sprichwortlexikon -Sprichwörter und sprichwörtliche Ausdrücke aus deutschen Sammlungen vom 16. Jahrhundert bis zur Gegenwart.* München: C.H. Beck-Verlag.

CHAVES, P. (1945): *Rifoneiro Português.* Porto: Editorial Domingos Barreira, 2ª edição.

CORTES-RODRIGUES, A. (1982): *Adagiário Popular Açoriano.* Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, volume 1 & 2.

Dicionário Prático Ilustrado. Porto: Lello & Irmão Editores, 1979.

FUNK, M. G. C. B. (1993): *A função do provérbio em Português e em Alemão - análise contrastiva de um corpus de provérbios contextualizados.* Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

HELLWIG, G. (1974): *Zitate und Sprichörter von A-Z.* Gütersloh, Bertelsmann Lexikon.

LOPES, A. M. M. (1992): *Texto Proverbial Português - Elementos para uma análise semântica e pragmática.* Coimbra.

RÖHRICH, L. (1973): *Lexikon der sprichwörtlichen Redensarten.* Freiburg i. Br.: Herder, 2 vol.

WANDER, K. F. W. (Editor): *Deutsches Sprichwortlexikon - Ein Hausschtaz für das deutsche Volk.* Leibzig: F. A. Brockhaus; vol. 1 (1867), vol. 2 (1870), vol. 3 (1873), vol. 4 (1876), vol. 5 (1880).